

Cinemateca Júnior & Cinemateca Digital

FILME(S) DE ENREDO: OS CRIMES DE DIOGO ALVES

A partir de uma coleção de filmes portugueses, vamos passear pela nossa história e geografia, mergulhar no mundo dos avós, bisavós, trisavós e tetravós e trazer desse mergulho peças preciosas e raras que nos ajudam a conhecer melhor aqueles tempos, outros usos e valores e por acréscimo conhecer melhor o nosso tempo. Perceber que não vivemos sempre assim, que houve tempos sem internet, sem telemóveis, sem televisão, sem trânsito, sem pressa, sem poluição, quase sem carros, sem aviões, sem liberdade, sem democracia e sem sapatos. Esta viagem vai fazer-se através de representações digitais de filmes disponíveis na **Cinemateca Digital**. Filmes, sobretudo, de atualidades ou documentais, mas também pequenos filmes de animação e comédia, que abordam temas muito variados, alguns familiares outros nem tanto. Desta vez, temos dois objetos raros na coleção da cinemateca digital – um filme de ficção ou um “filme de enredo”, como se dizia na altura, realizado em 1911 e uma primeira versão inacabada de 1909.



MEMÓRIAS: FILME(S) DE ENREDO: OS CRIMES DE DIOGO ALVES (dos 12 aos 80)

O cinema deu os seus primeiros passos no mundo como curiosidade técnica e foi durante algum tempo uma atração de feira e de espetáculos de variedades. Os filmes eram curtos e repetiam os temas documentais das vistas urbanas ao estilo do cinematógrafo dos irmãos Lumière e da reportagem jornalística – cenas do protocolo real, paradas militares, festas populares, celebrações religiosas e toda a sorte de acontecimentos únicos. Mas ao contrário do que foi acontecendo noutros países, especialmente em França, Reino Unido e Estados Unidos, em Portugal tardou que se aplicasse a técnica da imagem em movimento à muito antiga arte de contar histórias.

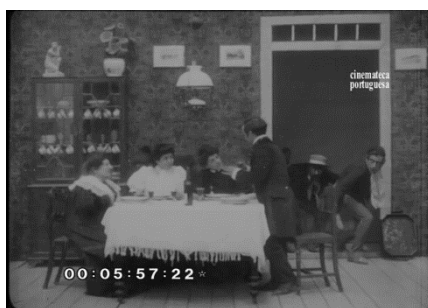
Segundo Manuel Félix Ribeiro, historiador de cinema, mentor e primeiro diretor da Cinemateca Portuguesa, OS CRIMES DE DIOGO ALVES de 1911 foi “o primeiro grande filme de ficção português”, mas as opiniões dividem-se quanto à classificação cronológica, porque factualmente trata-se do segundo “filme de enredo” realizado em Portugal. Não duvidamos, no entanto, que seja o *primeiro “grande” filme*, porque o primeiríssimo, de 1907, hoje desaparecido, foi um *sketch* cinematográfico intitulado O RAPTO DE UMA ACTRIZ e fazia parte integrante da revista *Ó da Guarda!*, em cena no Teatro do Príncipe Real. O dispositivo multimédia desta peça era muito engraçado. No final do primeiro ato, aparecia um ator à boca de cena a anunciar à plateia que a atriz principal tinha sido raptada e que a peça seria interrompida por pouco tempo, porque a polícia já estava no encalço do bandido e valia a pena esperar, depois as luzes apagavam-se e baixava uma tela onde se via uma perseguição rocambolesca e o “salvamento” da atriz, que afinal tinha feito uma escapadela romântica. Esta reapareceria em carne e osso no palco para dar continuidade à peça e receber os aplausos, que foram muitos. Damos este espaço e atenção ao *sketch* O RAPTO porque curiosamente, ou talvez não (o meio do cinema era então uma pequeníssima aldeia), este primeiro “filme de enredo” foi filmado por João Freire Correia e realizado por Lino Ferreira, co-realizadores também da primeira versão inacabada de OS CRIMES DE DIOGO ALVES em 1909, mas já lá vamos. O filme que Manuel Félix Ribeiro colocou no pódio como primeira grande ficção do cinema português foi realizado por João Tavares e estreada em abril de 1911, com grande sucesso de público no Salão Trindade, uma sala de prestígio na Rua Nova da Trindade, e reposto em maio do mesmo ano numa sala mais popular, tipo recinto de feira, O Paraíso de Lisboa na Rua da Palma. Desta vez, foi apresentado com um atrativo extra, uma “versão falada”, com os diálogos a serem ditos ao vivo por pessoas atrás da tela. Apesar das sessões esgotarem noite após noite, a dado momento a projeção foi suspensa pela polícia a pretexto do filme induzir ao crime, mas este voltou a ser reposto, desta vez no Chantecler dos Restauradores, e esteve em exibição durante três anos, embora com partes censuradas.

Este filme nasceu do sonho, vontade e perseverança do fotógrafo, cineasta e produtor João Freire Correia que, vimos atrás, filmou o *sketch* O RAPTO DE UMA ACTRIZ e realizou a primeira versão inacabada de OS CRIMES. E porque é que o filme de 1909 ficou a meio? A história é curta e vale a pena ser contada porque explica as opções certas, feitas na segunda e bem sucedida versão de 1911.

Freire Correia, entusiasmado com o sucesso do *sketch* cinematográfico, funda com o também fotógrafo Manuel Cardoso Pereira a produtora e estúdio cinematográfico Portugalia Film e o seu primeiro projeto é o de levar à tela as reais e terríveis façanhas do criminoso Diogo Alves, que aterrorizou Lisboa entre 1836 e 1839, conforme descritas nos folhetins de cordel da série “Criminosos Célebres”. O filme contava no elenco com os atores principais da companhia do Teatro do Príncipe Real e consta que a produção foi interrompida por divergências entre artistas e, fator principal e incontornável, pela partida dos atores principais – Carlos Leal, Luz Veloso e Nascimento Fernandes - para uma digressão teatral no Brasil. Apesar do desaire, Freire Correia não desiste e em 1910 convida João Tavares, um dos atores do filme inacabado com experiência de teatro e cinema, para a realização do novo filme e contrata desta vez atores de segunda linha e amadores, muito mais baratos e sem sombra de compromissos internacionais. À sua responsabilidade ficou a manivela da câmara Pathé que partilhou pontualmente com o sócio Cardoso Pereira.

Antes de verem o filme e a primeira versão inacabada por onde esta aventura começou, deixamos algumas luzes sobre o que vão encontrar. Trata-se, como já terão percebido, de uma história de crime e horror, baseada em factos reais. Diogo Alves foi um criminoso violento que assombrou a cidade de Lisboa em meados do século XIX e que fez muitos dos seus assaltos no Aqueduto das Águas Livres, de onde lançava as suas vítimas para uma queda mortal de mais de 60 metros. Aos olhos do espectador atual o filme surpreende porque expõe sem enquadramento psicológico, de forma crua e factual, os assaltos e assassinatos feitos pelo vilão e a sua quadrilha. Mas a combinação dessa crueza com a representação expressiva e teatral do cinema mudo e o carácter tosco dos efeitos especiais (trucagens – corte para novo plano mantendo a

perspetiva - e uso de bonecos nas cenas em que as vítimas são atiradas do Aqueduto) provocam hoje um paradoxal efeito cómico.



FILMES:

[clica na ligação a azul](#)

[OS CRIMES DE DIOGO ALVES](#)

João Tavares (1883-1971) – Realizador,
Portugal, 1911, Género: Drama
Duração: 00:23:31, 16 fps, Formato: 35mm, Cor, sem som

[OS CRIMES DE DIOGO ALVES](#)

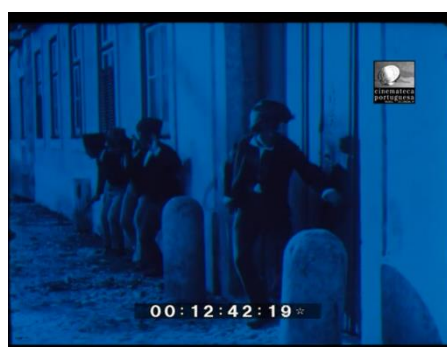
Lino Ferreira (1884-1939) – Realizador, João Freire Correia - Realizador
Portugal, 1909, Género: Drama, Filme inacabado.
Duração: 00:08:16, 18 fps, Formato: 35mm, PB, sem som:

PARA PENSAR depois de ver os filmes:

Estranhaste o facto do filme de 1911 ter cor?

É sabido que no princípio da história do cinema e até ao final dos anos trinta do séc.XX os filmes eram filmados a preto e branco, porque a fotografia a cores estava a dar os primeiros passos e a película cinematográfica não tinha ainda material fotossensível que captasse a cor. Então, como é que um filme tão antigo pode ter cor? E se te dissermos que no mesmo ano em que os irmãos Lumière organizaram a primeira sessão pública de cinema, 1895, já havia um pequeno filme a cor em circulação – [A Dança Serpentina de Annabelle](#) (segue a ligação) de William K. Dickson e pouco tempo depois George Méliès criou vários outros, como [O Castelo Assombrado](#) (segue a ligação). E se te dissermos ainda que cerca de 80% dos filmes dos primórdios tinham cópias coloridas. Parece um contrassenso, mas não é. Até ao aperfeiçoamento e uso progressivo das várias técnicas de sensibilização da película à cor, o que foi acontecendo a partir do final dos anos trinta, coloriram-se filmes de várias formas. A mais antiga e mais trabalhosa, a aplicada nos filmes de Dickson e nos primeiros filmes de Méliès, foi a pintura a pincel, fotograma a fotograma. Esta técnica implicava o trabalho de grandes oficinas com equipas de mais de duzentas operárias. Era um trabalho artístico e de minúcia maioritariamente feminino e por isso também bastante mal pago. Um pouco mais tarde (1904) desenvolve-se a técnica do “pochoir” que envolvia um *stencil* e uma forma de colorização que se foi tornando progressivamente mais mecanizada.

A técnica usada no filme de João Tavares é a da tintagem, menos artística, muito menos trabalhosa e cara que as anteriores. A película em positivo é tintada com corantes ácidos que a penetram e tingem apenas as partes claras, e esta mantém-se monocromática mas em tons diferentes dos clássicos cambiantes de cinzento. As cores eram escolhidas em função dos ambientes e com o tempo vingou uma espécie de código cromático, que o nosso filme confirma em parte: azul para a noite, amarelo para os interiores, verde para as paisagens e vermelho para o fogo.



e PARA FAZER:

Como já sabes OS CRIMES DE DIOGO ALVES de 1911 foi apresentado numa “versão falada”, com pessoas atrás da tela a dizer as falas, o que talvez não saibas é que cem anos depois, em 2011, a Cinemateca Júnior fez também uma “projeção falada” do filme. Um exercício interessante seria fazeres o guião de falas para todo o filme ou para cenas escolhidas. Podes também escrever o guião para um pequeno “filme de enredo” e com a ajuda da família filmá-lo. Mãos à obra!

Envia-nos o teu trabalho (guião e/ou filme), o teu nome e idade, para o email: cinemateca.junior@cinemateca.pt. Vamos oferecer como prémio de participação bilhetes para sessões de cinema quando a sala da Cinemateca Júnior reabrir (bilhetes para duas sessões à escolha, para toda a família, até quatro bilhetes por sessão).

As escolas também podem participar. Enviem-nos o(s) vosso(s) “filme(s) de enredo” e/ou guiões. Oferecemos uma sessão gratuita de cinema para as turmas participantes, com os filmes da nossa coleção, que podem consultar [AQUI](#).

Bons filmes!